



Recebido em 26/08/2023

Aceito em 11/12/2023

DOI:10.26512/emtempos.v22i42.51335

ARTIGO

A *New-Right* e a Influência Política na Religião: Apontamentos sobre o Ativismo Religioso na Política Brasileira

The *New-Right* and the political influence on religion: Notes about
religious activism in Brazilian politics

Tulio Magalhães Rodrigues

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade
Federal de Juiz de Fora
<https://orcid.org/0000-0002-7593-1382>

RESUMO: A direita religiosa brasileira ganhou espaço no cenário político dos últimos anos, especialmente no segundo mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. Suas ideias e modos de ação na política demonstraram semelhanças no modo de agir com a *New-Right* norte-americana, que surgiu em meados dos anos 1970. Esses traços em comum são encontrados, no campo social, na manifestação de líderes religiosos em suas residências de atuação e, na esfera política, na atuação de parlamentares que compõem a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), em propostas como o projeto Escola Sem Partido e na promoção de intolerância às pautas de minorias. Este ensaio, com isso, tem como finalidade apresentar ideias e argumentos encontrados nestas direitas, em ambos os contextos, na percepção de uma retroalimentação ideológica entre Brasil e EUA na promoção de um ativismo religioso na política, e na leitura em que esse ativismo se coloca no cenário social como uma Religião Pública.

PALAVRAS-CHAVE: Direita Religiosa. Neopentecostais. Religião Pública.

ABSTRACT: The Brazilian religious right has gained space in the political scene in recent years, especially in the second term of former president Dilma Rousseff. Their ideas and modes of action in politics demonstrated similarities in their way of acting with the North American New Right, which emerged in the mid-1970s. These common traits are found, in the social field, in the manifestation of religious leaders in their homes of activity and, in the political sphere, in the actions of parliamentarians who integrate the Evangelical Parliamentary Front (FPE), in proposals such as the Escola Sem Partido project, and in the promotion of intolerance towards minority agendas. This essay, therefore, aims to present ideas and arguments found in the right wing, in both contexts, in the perception of an ideological feedback between Brazil and the USA in the promotion of religious activism in

politics, and in the reading according to which this Activism is placed on the social scene as a Public Religion.

KEYWORDS: Religious Right. Neopentecostals. Public Religion.

Introdução

As mudanças na forma de posicionamento da direita brasileira nos últimos dez anos chamam atenção de pesquisadores e analistas políticos que interpretam o campo. A diversidade de ações da direita no cenário recente tem apontado um fenômeno que, convencionalmente, é entendido ora como uma Nova Direita (CASSIMIRO, 2021; ROCHA, 2018) pela novidade na capilaridade de ação em novos campos e associações; ora uma Extrema Direita (MIGUEL, 2018; CALDEIRA NETO, 2021) articulada em um recrudescimento na atuação no campo econômico e social; ora como uma Direita Radical (CHALOUB; LIMA; PERLATTO, 2018; CASARÕES, 2022) pela dinâmica de descontinuidade em seu processo de reconhecimento ideológico e pela emulação de ideias encontradas no contexto político norte-americano. Contudo, seja qual for o rótulo atribuído, uma ideia em comum orbita nesses esforços de interpretação: a direita brasileira dos últimos anos ampliou seu ativismo no debate público.

O conjunto destas pesquisas é um esforço para entender como se constitui e se movimenta a direita brasileira nos diversificados campos em que vem atuando: nas mídias digitais, entendidas como novas arenas de ação política, na esfera econômica e social alicerçadas por ideias encontradas no debate político norte-americano, na reprodução de um ultraliberalismo, sustentado por ideias libertárias, na promoção de discursos anticomunistas e no fortalecimento de um grupo considerado um importante fator político (VILLAZÓN, 2015) no debate público dos últimos anos: a crescente direita religiosa.

O texto aqui proposto, com isso, terá como objetivo apontar ideias e posicionamentos da direita brasileira no debate público, com foco na atuação da direita religiosa. Para isso, apresentaremos um panorama sobre a atuação política de grupos relacionados ao pentecostalismo brasileiro, especialmente a dimensão neopentecostal, através da dinâmica de formação e atuação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Esses religiosos apresentaram elementos que podem ser encontrados no contexto político norte-americano, em meados dos anos 1970, naquilo que ficou conhecido como *New-Right*, um movimento de base popular articulado em torno de questões sociais, tais como o aborto, pornografia e a desmoralização da sociedade diante do advento das minorias. As ações destes religiosos propagaram ideias e modos de atuação que podem ser encontrados no contexto político brasileiro, em sua atuação no parlamento e na esfera social. Além disso, apontamos que a direita religiosa no Brasil, como a americana, tem apresentado um modelo de religião pública, ao atuar fora de sua esfera de influência no campo privado, na interpretação da sociedade como uma extensão de sua fé.

Desta forma, o texto será alicerçado em três eixos explicativos: o primeiro apresentará a *New Right*, suas ideias, contexto político e social no qual emergiu; o

segundo introduzirá o contexto e parte da dinâmica de atuação da direita religiosa brasileira, com foco na atuação política dos neopentecostais, e as semelhanças com o movimento norte-americano, enquanto o terceiro terá como objetivo interpretar essa direita brasileira pelo prisma teórico do sociólogo espanhol José Casanova na promoção de uma ideia de Religião Pública.

A *New-Right* e a construção de uma via política pela religião

Para compreendermos o movimento religioso que surgirá no final da década de 1960 e ganhará espaço na atuação política no cenário norte-americano é importante retornarmos para o início do século XX, na análise de um grupo de religiosos que surge com o lançamento da obra *The Fundamentals: Testimony of the Truth*, publicado entre 1910 e 1915. O livro é organizado por um conjunto de panfletos escritos por missionários, pastores e líderes evangélicos da Igreja Presbiteriana, que reuniu figuras dos EUA, Canadá e Inglaterra. Foi um manifesto contra a teologia liberal e moderna que se desenvolveu nos EUA e produziu releituras da Bíblia que, segundo os autores, feriu a concepção de fé de uma parcela de crentes na América.

Tratava-se de lutar contra tudo e contra todos os que eram causa de preocupação para os protestantes tradicionalistas, sobretudo nas Igrejas Batista e Presbiteriana dos Estados do Norte; de fazer com que os EUA recuperassem sua identidade cristã bíblica, que muitos evangélicos acreditavam estar perdida, sobretudo como consequência da Primeira Guerra Mundial; de dissipar os temores de revolução social, denunciando especialmente o perigo do comunismo; de neutralizar o impacto social e moral produzido pelas imigrações das últimas décadas, tanto mais que com elas haviam chegado ao país muitos católicos romanos. Símbolos da ruína moral eram o humanismo secularizante e o bolchevismo/comunismo. (GALINDO, 1994, p. 169).

A retórica do grupo apresentava o antagonismo provocado com o fim da Guerra Civil norte-americana dividida em: uma concepção que defendia a posição da manutenção da sociedade escravocrata do sul americano, em oposição ao otimismo do lado norte com o progresso promovido pela industrialização do país e o desenvolvimento social. “Surgiu como reação contra correntes sociais e teológicas que os fundamentalistas agrupam sob os termos ‘liberalismo’ e ‘modernismo’, nas quais eles vêem uma ameaça ao cristianismo tradicional, ou uma apostasia deste” (SCHERER-EMUNDS, 1989, p. 27 apud GALINDO, 1994, p. 168). O desdobramento dos impasses entre os grupos evangélicos teve como desfecho a expulsão de membros considerados sectaristas e radicais, na década de 1930. A figura de Carl McIntire surgiu nesse contexto como um fundamentalista e radical religioso que, ao ser expulso do movimento protestante, buscou alternativas para divulgação de suas perspectivas sobre a disseminação da fé, e isso ocorreu logo após a sua saída na fundação da *Bible Presbyterian Church*, que foi uma dissidência radical do ramo presbiteriano (GALINDO, 1994). Isso ficou claro na formação da *American Council of Christian Churches* (ACCC) e a *National Association of Evangelicals* (NAE), ambas fundadas em 1941, onde a primeira representava o ramo fundamentalista radical e a segunda os

moderados. “[McIntire] começou tentando construir uma associação de igrejas evangélicas conservadoras nos anos 1950. Em resposta à modernidade teológica e ao ecumenismo, com o *International Council of Christian Churches* [ICCC]” (MEZAROBBA, 2021, p. 82). A rivalidade destes dois grupos ganhou intensidade após o fim da guerra (1945), e um renovado espaço de atuação.

Os números sobre a observância religiosa atingiram, de facto, um máximo histórico após a Segunda Guerra Mundial, e muitas pessoas acreditavam que as igrejas em breve reivindicariam como membros todos os 97 por cento dos americanos que professavam crença em Deus. As publicações de Henry Luce, *Time and Life*, chamaram a atenção para um jovem pregador de avivamento chamado Billy Graham, que passou a década de 1950 conduzindo avivamentos bem concorridos nas principais cidades dos Estados Unidos e da Europa. Sua cruzada de 1957 no *Madison Square Garden*, em Nova York, foi um grande evento de mídia. Outras “estrelas” religiosas também estavam em ascensão.¹ (MOORE, 1994, p. 236).

O crescimento de evangélicos em diversas denominações se apresentava como indicativo de ascensão de um tipo de ultraconservadorismo, “uma grande parte da ascensão do ultraconservadorismo fundamentalista pode estar ligada ao crescimento surpreendente da Igreja Batista do Sul, que aumentou de 2.300.000 membros em 1936 para 10.000.000 em 1962²” (HOFSTADTER, 1964, p. 75). O aumento de um público de grupos relacionados a militâncias de fé potencializou o surgimento de demandas específicas nos espaços de atuação destes grupos. Como apontou o historiador Kevin Kruse (2015), o crescimento não foi um fator pontual ocorrido na década de 1950, mas progressivo, pois permaneceu em crescimento. Na década e meia após a Segunda Guerra Mundial “a porcentagem de americanos que pertenciam a uma igreja ou sinagoga disparou repentinamente, alcançando 57% em 1950 e depois atingiu o pico de 69% no final da década, um recorte histórico³” (KRUSE, 2015, p. XV). Nesse momento, pregadores como Billy Graham e Jerry Falwell ganharam destaque em seus eventos e programas de TV⁴.

O fator de crescimento, em parte na década de 1950, pode ser analisado pela mobilização política do próprio governo para uma ascensão e formação de um tipo de

¹ Figures about religious observance were, in fact, at a historic high after World War II, and many people believed that churches would soon claim as members the entire 97 percent of Americans who professed belief in God. The publications of Henry Luce, *Time and Life*, turned the spotlight on a young revival preacher named Billy Graham who spent the 1950s conducting well-attended revivals in the major cities of the United States and Europe. His 1957 crusade in New York City's Madison Square Garden was a major media event. Other religious "stars" were on the rise as well.

² A large part of the rise of fundamentalist ultra-conservatism may be linked with the astonishing growth of the Southern Baptist Church, which increased from 2.300,000 members in 1936 to 10.000,000 in 1962.

³ [...] the percentage of Americans who belonged to a church or synagogue suddenly soared, reaching 57 percent in 1950 and then peaking at 69 percent at the end of the decade, na all-time high.

⁴ A *Billy Graham Evangelistic Association*, um canal de mídia evangélica em torno de Billy Graham, fundado na década de 1950, e o programa *The Old-Time Gospel Hour* de Jerry Falwell, que teve início no final da década de 1950.

homogeneidade em torno de um movimento de fé. Se a tentativa era criar um mecanismo de oposição ao comunismo, ou mesmo favorecer a conveniência de grupos de atuação religiosa, no fim colaborou para o crescimento protestante dentro dos EUA e a criação de padrões nacionais de cidadãos, que tinham como característica central a religião. A publicidade da Casa Branca no Governo de Eisenhower, por exemplo, ilustrou essa questão:

No verão de 1953, Eisenhower, o vice-presidente Richard Nixon e membros de seu gabinete realizaram uma cerimônia de assinatura no Salão Oval, declarando que o governo dos Estados Unidos se baseava em princípios bíblicos. O resto do Capitólio também se conservou. Em 1954, o Congresso seguiu o exemplo de Eisenhower, adicionando a frase "*Under God*" ao anteriormente secular Juramento de Fidelidade. Uma frase semelhante, "*In God We Trust*", foi adicionada a um selo postal pela primeira vez em 1954 e, em seguida, ao papel-moeda no ano seguinte; em 1956, tornou-se o primeiro lema oficial da nação. Durante a era Eisenhower, era dito repetidamente aos americanos não apenas que a nação deveria ser cristã, mas que sempre fora. Eles logo passaram a acreditar que os Estados Unidos da América eram '*One nation under God*'.⁵ (KRUSE, 2015, p. XIII).

A dimensão de influência proporcionada pelo alcance do aparelho de TV forneceu a fundamentalistas e ativistas religiosos a possibilidade de arrecadação de fundos para iniciativas de investimento e desenvolvimento de espaços de ação social, como: escolas, universidades, hospitais, e até mesmo parques de diversões, como aponta Belloti (2008). A criação de um canal de televisão (CBS – *Christian Broadcasting Network*), em 1960, pelo pentecostal Pat Robertson, e o seu alcance visto nas décadas seguintes, é um exemplo da proporção de expansão das ideias religiosas em meados das décadas de 1960 e 1970.

Essas ações esboçaram o caminho de fortalecimento de grupos religiosos que ganharam espaço na política pela sua dimensão de influência. Em meados dos anos 1970 esses grupos intensificaram suas ações no campo político após mudanças em torno de políticas sociais, especialmente na questão sobre o aborto⁶. Esses grupos, compostos de pessoas comuns preocupadas com questões sociais, como o aborto e padrões sociais de comportamento, promoveram um novo elo na direita conservadora

⁵ In the summer of 1953, Eisenhower, Vice President Richard Nixon, and members of their cabinet held a signing ceremony in the Oval Office declaring that the United States government was based on biblical principles. Meanwhile, countless executive departments, including the Pentagon, instituted prayer services of their own. The rest of the Capitol consecrated itself too. In 1954, Congress followed Eisenhower's lead, adding the phrase "under God" to the previously secular Pledge of Allegiance. A similar phrase, "In God We Trust," was added to a postage stamp for the first time in 1954 and then to paper money the next year; in 1956, it became the nation's first official motto. During the Eisenhower era Americans were told, time and time again, that the nation not only should be a Christian nation but also that it had always been one. They soon came to believe that the United States of America was "one nation under God."

⁶ Em 1973 a Suprema corte norte-americana entendeu que o aborto é um direito privado e, portanto, um direito constitucional. O caso ficou conhecido como *Roe. Vs. Wade*.

americana, em que passaram a ser rotulados de *New-Right*⁷ ou *Religious Right* (NASH, 1976; ALLITT, 2003; CRITCHLOW, 2005; YOUNG, 2013). A composição da ala dessa direita era formada por pessoas orientadas por um moralismo religioso, e inicialmente não foi articulada por intelectuais, mas por um movimento de base⁸ popular mobilizado. Era constituído de evangélicos protestantes, fundamentalistas, pentecostais, católicos e judeus ortodoxos preocupados com as constantes mudanças sociais, em questões que avaliavam imutáveis. Essas questões se definiam nas discussões sobre a pornografia, o uso de drogas, a vulgarização do entretenimento de massas, dentre outros pontos. Os representantes destas ideias estavam convencidos de que a sociedade e cultura americana estava em um vertiginoso declínio moral no que eles chamavam de liberalismo secular ou liberalismo moderno (NASH, 2021), que para muitos foi causa fundamental e agente para esse declínio.

A Direita Religiosa era essencialmente o produto de traumas vivenciados por pessoas comuns em suas vidas cotidianas. Sua angústia era a dos pais que descobriram que na escola dos seus filhos eram oferecidos preservativos, que estavam sendo ensinados que o comportamento homossexual era apenas outro estilo de vida e onde eram instruídos que os padrões bíblicos de certo e errado eram relativos, sexistas e homofóbicos. “Para a nação ser forte, suas famílias deveriam ser constituídas conforme as regras divinas, que incluem a chefia da família pelo homem e a disciplina física dos filhos pelos pais [...]” (AMMERMAN, 1998, p. 97-98 *apud* BELLOTI, 2008, p. 69). Esse grupo foi liderado no plano político pela *Moral Majority*⁹ (1979-1989) e pela *Christian Coalition*¹⁰ (criada em 1989), e suas ideias trouxeram ao conservadorismo

⁷ O termo correto é *New-Right* (Nova Direita), mas convencionalmente é chamado de direita religiosa. Para não gerar conflito com o termo no português utilizei o termo em inglês na atribuição que é dada pelos autores, *New Right*.

⁸ Esses movimentos já haviam ganhado notoriedade pelo ativismo de figuras como Phyllis Schlafly no início na década de 1970. A advogada e ativista conservadora modificou o cenário de atuação política da ala conservadora, na composição e formação de movimentos de base pela tradução dos conflitos políticos para pessoas comuns da esfera da vida privada. Sua importância veio porque ela ajudou a evangelizar as ideias de intelectuais e autores anticomunistas para os conservadores de base. Foi dentro do Partido Republicano que ela traduziu seus conhecimentos em ação política. Seu mundo mental era o de uma partidária e polemista, não o de uma intelectual que delineava cuidadosamente sutilezas de lógica e gradações de argumentação. O seu ativismo contra os direitos de igualdade das mulheres no debate feminista que ocorreu em meados dos anos 1970 é um dos exemplos de mobilização de base conservadora. Ver: Critchlow, (2008).

⁹ *The Moral Majority*, uma organização política e de arrecadação de fundos focada em um eleitorado cristão conservador. Foi fundada pelos ministros Jerry Falwell, Sr., Tim LaHaye, Charles Stanley, Greg Dixon e D. James Kennedy em 6 de junho de 1979. Com sede em Washington, DC, o grupo monitorava a legislação, fazia lobby no Congresso em apoio a questões de interesse de seus membros e publicava um jornal mensal chamado *Moral Majority Report*, editado por Harry Covert. A organização foi dissolvida por Falwell em 1989. Disponível em: < <https://daily.jstor.org/the-moral-majority-collection/>>. Acesso em 15 jan. 2023.

¹⁰ Segundo ao seu site, a Coalizão é uma organização política formada por americanos pró-família que se preocupam profundamente em garantir que o governo sirva para fortalecer e preservar, em vez de

americano uma intensidade moral e uma dimensão populista não vistas desde a campanha de Goldwater¹¹ em 1964.

Esse elo da direita americana exaltou a necessidade de entrada no debate público como uma defesa de seu tradicional código moral e modo de vida. Ao contrário de intelectuais conservadores que estavam concentrados, em sua maioria, em questões nacionais como política econômica e conduta no processo da guerra fria, a *New-right* endereçou a experiência de seus traumas morais para pessoas comuns e sua vida cotidiana (NASH, 2006). Acima de tudo, os conservadores religiosos destinaram o seu fervor naquilo que a maioria deles considerava a questão central de combate e motivo de mobilização (BANWART, 2013) que foi a demanda pelo aborto legalizado.

Para compreender essa atuação dos evangélicos, bem como sua inserção no debate público e articulação dentro do campo político, é importante destacar o ativismo dos pastores televangelistas Jerry Falwell e Pat Robertson, e os movimentos *Majority Moral* e *Christian Coalition*. A atuação destes grupos e figuras públicas era articulado por movimentos de base, como visto no nascimento do grupo *Majority Moral*, que foi um movimento político fundado em 1979 e influente no cenário público, especialmente após a vitória de Ronald Reagan (1980). O grupo era formado pela atuação de pastores, padres e rabinos, uma seção ecumênica (BANWART, 2013) que visava combater e atuar no cenário político como oposição às mudanças sociais a favor de grupos minoritários. Essa mobilização foi identificada pela ala republicana que compôs a campanha de Ronald Reagan, que foi recíproca ao discurso anticomunista e favorável a família tradicional americana, fundada nos valores cristãos. Esse reconhecimento entre as ideias de Reagan e dos grupos desta ala da direita possibilitou a formação de uma composição de apoio, especialmente pelo compromisso do candidato com as pautas morais.

A proximidade do Armagedom, o confronto divinamente orquestrado entre o bem e o mal, fascinou Ronald Reagan e o fez acordar de seus cochilos para cuidar da política externa. Uma crença forte energiza as pessoas. No que diz respeito à política da década de 1980, os sinais de que o mundo tinha entrado no “fim dos tempos” colocaram vários inimigos em foco para os fundamentalistas protestantes. A política era uma forma de vingança santa que separava aqueles que sabiam por que Cristo estava voltando daqueles que não sabiam.¹² (MOORE, 1994, p. 250).

ameaçar, nossas famílias e nossos valores. Trabalhamos continuamente para identificar, educar e mobilizar os cristãos para uma ação política eficaz. Disponível em: < <https://cc.org/about-us/>>. Acesso em 16 jan. 2023.

¹¹ Foi um senador republicano do Arizona, e um dos expoentes porta-vozes do movimento conservador, especialmente da ala tradicionalista. O político concorreu à presidência da república, mas perdeu para Lyndon Johnson em 1964.

¹² The closeness of Armageddon, the coming divinely orchestrated showdown between good and evil, fascinated Ronald Reagan and got him up from his naps to attend to foreign policy. Strong belief energizes people. With respect to the politics of the 1980s, signs that the world had entered the “end times” brought various enemies into sharp focus for Protestant fundamentalists. Politics was a way of holy revenge that separated those who knew why Christ was coming again from those who did not.

A coalizão política apoiada pela direita religiosa, no entanto, não era apenas para promoção de valores morais e da família, mas também, por interesses econômicos. Para a manutenção da estrutura midiática produzida pelos televangelistas e líderes religiosos era necessário o mercado livre de intervenção do governo. Esse fator contribuía para uma aliança com o governo Reagan, como apontou Benjamin Armstrong, diretor executivo da NRB (*National Religious Broadcasters*), “O capitalismo *laissez-faire* permitiu às emissoras protestantes evangélicas alcançar as suas vitórias midiáticas. As religiões, disse ele, estavam a morrer na Europa devido às restrições que lhes eram impostas pela radiodifusão estatal”¹³(MOORE, 1994, p. 250). O livre mercado e o combate a ideais socialistas eram necessários para manutenção da estrutura de influência dogmática do grupo. Suas raízes se estabeleciam na atuação de pastores em suas residências religiosas através de pregações em programas de rádio, televisão, publicações e periódicos que debatiam as questões sociais.

O líder do movimento foi o pastor e televangelista Jerry Falwell. O religioso se mostrava em um tipo de cruzada contra minorias e políticas públicas que contrariavam suas crenças religiosas. Isso é visto, por exemplo, em uma carta em que Falwell solicita apoio para a permanência de seu programa de televisão no ar após receber sanções legais impostas contra suas críticas a grupos LGBT: “O *Old-Time Gospel Hour* é um dos poucos ministérios importantes na América que clamam contra militantes homossexuais”¹⁴ (FALWELL, 1981, p. 1). No mesmo documento, o pastor reitera seus ataques ampliando as ofensas para a esfera da educação:

Gays praticantes e exibicionistas estão ensinando crianças nas salas de aula hoje. Eles estão pregando em alguns de nossos púlpitos hoje, e estão exercendo grande influência nas redes de televisão hoje. Eles têm planos para seus filhos e para os meus. Eles têm planos para transformar a América em uma nação que fará com que "Deus nos entregue a uma mente reprovável”¹⁵ (FALWELL, 1981, p. 2).

O movimento de Falwell tinha como objetivos o lobby para acabar com o aborto, restabelecer a oração escolar, os papéis tradicionais de gênero para homens e mulheres, derrotar a Emenda de Direitos Iguais¹⁶, anular direitos especiais para gays e ajudar o país, segundo seus princípios de sociedade, a voltar às suas raízes. Além de

¹³ “*Laissez-faire* capitalism had enabled evangelical Protestant Broadcasters to achieve their media victories. Religions, he said, were dying in Europe because of the restrictions placed upon them by state-oned broadcasting.”

¹⁴ “The Old-Time Gospel Hour is one of the few major ministries in America crying out Against militant homosexuals.”

¹⁵ “Practicing and flaunting gays anre teaching children in class-rooms today. They are preaching in some of our pulpits today, and they are exerting great influence on the television networks today. They have plans for your children and mine. They have plans for turning America into a nation that will cause ‘God to give us over to a reprobate mind’”.

¹⁶ É uma emenda proposta à Constituição dos Estados Unidos destinada a garantir direitos legais iguais para todos os cidadãos americanos, independentemente do sexo. Se propõe a abolir as diferenças legais entre homens e mulheres em termos de divórcio, propriedade, empregos e outros assuntos. Maiores informações disponíveis em: < <https://www.equalrightsamendment.org/>>. Acesso em 25 de abril de 2023.

Falwell, é importante destacar a influência e atuação de Pat Robertson, um pastor pentecostal e político ligado ao partido Republicano, que foi fundador da CBN (*Christian Broadcasting Network*) nos anos 1960. A atuação de Robertson, como a de Falwell, recebeu apoio de seus seguidores, especialmente a favor de pautas morais. No ano de 1989 ele fundou a *Christian Coalition*, uma organização política formada por americanos pró-família que se preocupavam ‘profundamente’ em garantir que o governo servisse para fortalecer e preservar as famílias e valores. O pastor pentecostal participou das primárias do partido republicano em 1988 para a presidência, mas perdeu a indicação para Georg H. Bush. A sua candidatura gerou repercussão no meio político e angariou apoio de religiosos que se identificavam com as ideias do pastor.

Esses conservadores religiosos adquiriram influência nas vozes de intelectuais, como em artigos publicados no jornal *First Things*, que foi fundado nos anos 1990, e em figuras como do teólogo Francis Schaeffer. Eles ganharam força, porém mais do que isso, uma visibilidade provida pelos laços orgânicos de uma subclasse de evangélicos protestantes que promoveram o seu crescimento. E com a forja de uma aliança entre católicos apostólicos e judeus ortodoxos, um movimento conservador ecumênico sem precedentes no contexto da história das religiões americanas foi formado. De acordo com o historiador norte-americano George Nash (2021), o movimento ecumênico formado durante o debate sobre os direitos civis e os movimentos anti-Vietnã produziram uma intransponível linha ideológica, nova e influente dentro do contexto conservador.

A direita religiosa no Brasil em dois momentos

Em uma recente pesquisa, publicada em livro no ano de 2021, o historiador americano Benjamin A. Cowan divulgou resultados de uma consulta realizada com arquivos do Exército brasileiro e da Biblioteca Nacional sobre um conjunto de informações que expõem a história do conservadorismo religioso no Brasil. O trabalho de Cowan ilustra o cenário de comunhão entre um ativismo político religioso de atores brasileiros e norte-americanos na construção de pautas identitárias. Seu trabalho atravessa o século XX e pontua o desenvolvimento do ativismo religioso no Brasil e sua recepção de ideias do contexto norte-americano. Isso pode ser visto na atuação de fundamentalistas radicais, como Carl McIntire¹⁷, na promoção de ideias na construção de um movimento evangélico no Brasil:

McIntire buscou estruturar uma rede global de instituições e espaços em que conservadores evangélicos pudessem se reunir, trocar ideias e influenciar políticas culturais. No Brasil, onde esteve algumas vezes e para onde enviou missionários, encontrou terreno fértil. Organizou e realizou com a participação de ativistas brasileiros, conferências em várias partes do mundo (MEZAROBBA, 2021, p. 82).

Com isso, compreender um alinhamento ideológico entre movimentos políticos em torno da direita atual, como dos ativismos em torno de Donald Trump e Jair

¹⁷ Isso em meados dos anos 1970.

Bolsonaro, passa pela interpretação de uma retroalimentação de polos distintos de atuação política e religiosa em um alcance internacional. Isso em decorrência da ação em espaços já experimentados e alocados para promoção de ideias como na construção de um ativismo religioso na política, tal visto no crescimento político do movimento neopentecostal no contexto brasileiro.

Neopentecostalismo como pauta religiosa

O movimento Pentecostal surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX e pode ser dividido em três correntes: a primeira entendida pelo pentecostalismo clássico, que se originou do movimento metodista que ganhou forma com mudanças sociais estimuladas pela Revolução Industrial. Esse grupo é reconhecidamente chamado de pentecostal. A segunda, identificada por movimento neopentecostal ou carismático, surgiu na década de 1960 e tem dois ramos centrais, um que é influenciado pelo pentecostalismo clássico, mas se organizou em igrejas independentes, e o ramo que não se originou do pentecostalismo, mas sim do protestantismo tradicional e da Igreja Católica. E, por fim, a terceira se formou no início dos anos 1970 e meados dos anos 1980. Esse grupo se identifica com a doutrina pentecostal, mas não é reconhecido pelos movimentos anteriores. “Foram as que mais se multiplicaram na América Latina, África e Ásia, e crescem quase que exclusivamente nas classes sociais mais baixas. As mais difundidas são a Assembléia de Deus, A Igreja do Evangelho Quadrangular [...]”¹⁸ (GALINDO, 1995, p. 192).

O movimento Neopentecostal é uma variação do Pentecostalismo norte-americano. No Brasil, o movimento chegou no início do século XX e passou por mudanças ao longo do tempo. Como aponta Freston (2004), podemos indicar três¹⁹ ondas que marcam sua chegada, estabelecimento e estruturação como uma renovação de ação no campo religioso e novidade no campo político: a primeira ocorreu a partir de 1910 com a chegada de congregações cristãs; a segunda surgiu nos anos 1950 e início dos anos 1960 com a disseminação e formação de grupos que se instalaram predominantemente em São Paulo, tais como Brasil para Cristo e Deus é Amor; enquanto a terceira onda, a qual é interesse deste trabalho, começou na década de 1970, mas na década de 1980 ganhou notoriedade, especialmente no Rio de Janeiro (ALMEIDA JR, 2008).

¹⁸ Esse terceiro grupo também é conhecido por pseudopentecostais. Ver. Almeida JR (2008).

¹⁹ Essa genealogia do movimento pentecostal no Brasil pode ser entendida na dimensão de três momentos: “As suas matrizes estão no PH, PC e Igrejas de Cura Divina. Isto se deu em três momentos: Primeiramente na década de 1910 – Inspirada nos movimentos pentecostais ocorridos nos EUA – Congregação Cristã em 1910 e Assembléia de Deus em 1911; Num segundo momento nos anos 50 e início dos anos 60 com a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1951, O Brasil Para Cristo em 1955 de Manoel de Melo, que morreu em 90, e Deus é Amor em 1962 de Davi Miranda cunhado de Manoel de Melo. Finalmente em 1977 surgiu a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) de Edir Macedo, Igreja da Graça em 1980 com R. R. Soares, cunhado de Macedo e nas décadas de 70 e 80 as comunidades evangélicas, Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo e outras inúmeras com liderança independente”. Ver: TAVARES NETO, 2008, p. 4 apud ALMEIDA JR, 2008, p.152.

No Brasil, parte destes grupos religiosos tinham boas relações com o regime ditatorial, mas sua influência só ganhou espaço após o fim da ditadura. O exemplo da formação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no ano de 1977 pelo pastor Edir Macedo, é uma significativa ilustração. A atuação da Igreja visou adentrar em espaços ainda pouco percorridos no âmbito cultural, como o Televangelismo, marcado pela atuação do pastor e seu cunhado, também pastor, R. R Soares, ainda nos anos 1970. A evangelização desses líderes religiosos alcançou todos os estratos sociais, mas principalmente pessoas humildes, pela narrativa clara e objetiva, e pela crença no perdão.

Comparadas com as Igrejas tradicionais chegadas da Europa ou dos EUA, estas apresentam as seguintes tendências: ao invés de uma atitude racista ou do complexo de superioridade, têm um conceito do cristianismo que não faz diferença entre raças e culturas; ao invés do intelectualismo, o predomínio do oral e do espontâneo; ao invés de conceitos abstratos, preferência pelo narrativo; ao invés do anonimato das organizações burocráticas, relações pessoais e familiares; ao invés da técnica medicinal moderna, a compreensão da enfermidade e da saúde como resultante da situação global da pessoa; ao invés das técnicas psicanalíticas, terapias de grupo ou em família baseadas no contato físico, na oração e na educação informal transmitida por sonhos e visões (GALINDO, 1995, p. 199).

O campo político nesse meio era um espaço necessário para a ampliação de influência para esses líderes religiosos, pois possibilitavam a ampliação de seu campo de atuação. A penetração nesses espaços demandava apoio, e isso ganhou forma com o sucesso midiático que a Igreja e seus pastores ganharam (FREESTON, 2004). A expansão de políticos identificados religiosamente era baixa até a década de 1980, mas gradativamente ganhou espaço e importância no campo político. A legislatura de 1987 apresentou essas mudanças quando, em eleições anteriores, candidatos protestantes eleitos eram 12 e após 1987 esse número passou de 30 (FREESTON, 2004, p. 19). Esse posicionamento ganhou força na aquisição do Pastor Edir Macedo em 1989 da Rede Record de Televisão, com apoio do ex-presidente Collor. A dimensão de influência nesse momento ganhou um novo espaço, pois se a televisão, em seu surgimento na década de 1950 no Brasil, era uma novidade tecnológica pouco acessível, a partir dos anos 1970 essa realidade é alterada com a percepção do aparelho como um centro de entretenimento (RODRIGUES, 2022), e isso se amplia na década seguinte com o surgimento da TV por assinatura.

O modelo da Igreja Universal não era sinônimo de que todas as igrejas pentecostais se desenvolveram da mesma maneira, mas que parte do movimento neopentecostal no Brasil ganhou espaço pela sua inserção no campo político e na formação de *lobbies* na promoção de interesses de suas comunidades. A eleição presidencial de 1989 foi um exemplo disso, quando religiosos apresentaram rejeição ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva pelo entendimento de que ele era contrário aos dogmas que defendiam e, assim, viam a esquerda como algo perigoso aos seus ideais, “os evangélicos viam no candidato da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, um

verdadeiro ‘satã’; era o medo de ‘um comunista’ ou ‘anticristo’ ganhar as eleições”²⁰ (VILLASENOR, 2010, p. 159).

A politização desses religiosos pode ser entendida pela necessidade de manutenção da rede e evolução do campo religioso. “O primeiro fator é o próprio ‘clero’. Os principais beneficiários da política corporativa têm sido os líderes da igreja” (FRESTON, 2004, p. 21). A exemplo do modelo de sucesso norte-americano de mídia religiosa, o campo do marketing religioso nesses espaços de comunicação reforçava o alcance de sua presença. Isso ganha uma projeção se olharmos para os dados sobre a população evangélica no início dos anos 1990, que estava em torno de 9,0% da população, um acréscimo de mais de 2,0% em comparação à década anterior (IBGE, 2012).²¹ Essas projeções indicaram o crescimento evangélico ocorrido no país, principalmente seu polo neopentecostal, e o seu gradativo acesso e influência na política. A exemplo disso podemos verificar o debate sobre a nova constituição ocorrido no processo de redemocratização, que promoveu a rivalidade em entender uma possível concepção de religião nacional na acusação de políticos evangélicos de favorecimentos de parlamentares e setores do governo a Igreja Católica²² (FRESTON, 2004). O crescimento desse ativismo promoveu o surgimento de uma bancada com um viés religioso no tratamento de medidas que atendessem os interesses de grupos evangélicos, que foi formalizada no início dos anos 2000.

Além disso, as pautas encontradas na *New Right* norte-americana ganharam espaço no contexto evangélico brasileiro em projetos que enfatizavam questões morais, especialmente temas sobre aborto, homossexualidade e pornografia²³. Havia a identificação com a Igreja e intensidade em defender seus preceitos, e não necessariamente uma pauta política ligada a interesses partidários, mas sim a demanda por promoção de uma leitura cristã da sociedade a partir de seus dogmas. A exemplificação desse cenário fica clara ao entender que o anticomunismo, mesmo sendo um fator perigoso aos seus ideais, era um assunto lateral em comparação ao movimento norte-americano. “Desde o surgimento da bancada evangélica na Constituinte²⁴ em 1986 até a formação da Frente Parlamentar em 2003, importantes lideranças pentecostais deixaram de demonizar o candidato à presidência da República, Lula, para apoiá-lo nas eleições de 2002” (TREVISAN, 2013, p. 31). A

²⁰ Em referência ao candidato nas eleições de 1989.

²¹ Esse cenário chama ainda mais atenção se olharmos os dados do censo de 2010, no qual o percentual está em 22,2% da população.

²² Paradoxalmente, a primeira bancada evangélica surgiu entre os anos de 1982 e 1986 em resposta a supostas ameaças de que católicos intentaríamos restringir a liberdade religiosa e obter privilégios na Constituinte de 1988. Ver. Rocha; Silva; Barreto (2021).

²³ Ver. COWAN, Benjamin Arthur. “Nosso Terreno”: crise moral, política evangélica e a formação da ‘Nova Direita’ brasileira. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 101-125, jan/abr. 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/vh/a/PXDGNyTGfBcVrs7z46k35rm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 02 set. 2023.

²⁴ Nesse momento ainda não havia uma identificação dos próprios parlamentares como um grupo coeso em favor de pautas evangélicas, mas isso se alterou em 2003.

desmoralização da sociedade através de avanços sociais em pautas de minorias era o temor que poderia afetar a crença em que acreditavam dentro de seu espaço de atuação, a esfera privada.

Neopentecostalismo como pauta política

Se em um primeiro momento a atuação de grupos neopentecostais teve seu campo como finalidade de expansão e influência no âmbito privado, os desdobramentos recentes demonstram que o impulso religioso na direita atual tem como foco a defesa de uma pauta política que transcende o espaço privado e invade o espaço público. Se nas eleições do final dos anos 1980 e 1990 o crescimento de candidatos evangélicos eleitos foi significativo, no início dos anos 2000 ocorreu uma mudança na postura nos interesses desses parlamentares com a articulação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), instituída em 2003.²⁵

Contudo, é importante enfatizar que a FPE surgiu na representação de interesses políticos de uma ala pentecostal, que não é a voz de toda a comunidade evangélica, pois o campo é diversificado com variadas denominações, e que não necessariamente estão alinhadas em suas pautas. A FPE surgiu na configuração partidária de grupos ligados ou associados a Igrejas Neopentecostais e de outros ramos cristãos que defendem posições conservadoras na constituição social. “Ou seja, não é o povo evangélico que está massivamente representado nessa elite parlamentar, mas um discurso sobre os evangélicos articulado por lideranças pentecostais, que se tornou predominante” (BURITY, 2020, p. 206).

O grupo de religiosos, conhecido como bancada evangélica, tem a frente interesses de líderes evangélicos com direcionamentos específicos, em pautas que defendem a família e dogmas religiosos na compreensão de um ordenamento social. Essa formalização de parlamentares religiosos apresenta interesses em políticas que atendam não só o espaço privado de congregações e o círculo religioso, mas a introdução de medidas desta esfera para o debate público, pois a criação da FPE “revela a crescente habilidade evangélica para mobilizar e organizar parlamentares para a defesa de interesses supradenominações e suprapartidários” (TREVISAN, 2013, p. 35). Além disso, o receio que era visto por parlamentares e alas evangélicas sobre o Partido dos Trabalhadores, e sobre o então ex-presidente Lula (2003-2011), foi deixado de lado por um alinhamento proporcionado por concessões do governo ao grupo, como na sanção da Lei de Liberdade Religiosa em 2003²⁶ e licenças de rádio e TV (ROXO, 2021). A ausência de uma liderança com expressão política no campo religioso inviabilizava o alcance de pautas radicais e uma oposição mais efetiva contra

²⁵ No entanto, só foi registrada oficialmente na Câmara dos Deputados em abril de 2019, com o requerimento do pastor da Igreja Assembleia de Deus e deputado Silas Câmara (Republicanos-AM). Ver. Requerimento e estatuto disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/54010-integra.pdf. Acesso em 27 ago. 2023.

²⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.825.htm. Acesso em 29 ago. 2023.

o governo naquele momento. Aliado a isso havia os casos de corrupção que envolveram parlamentares religiosos, como o mensalão e a máfia das ambulâncias, em que 58% dos parlamentares da bancada estavam envolvidos direta ou indiretamente,²⁷ um *marketing* negativo que inviabilizou a promoção de candidaturas sólidas do grupo para o executivo.

No entanto, no final do primeiro governo Dilma Rousseff esse apoio foi pulverizado por pautas defendidas pelo governo consideradas progressistas pelos evangélicos (ROXO, 2021). Além disso, a eleição do deputado Marcos Feliciano, pastor evangélico neopentecostal, para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania (CDHM) ampliou o desgaste contra o governo pelas pautas moralistas e o embate que foi aberto, diretamente, contra minorias sociais. “[...] o deputado-pastor pautou uma série de questões de ordem moral (aborto, casamento gay e adoção de crianças por estes casais, entre outros), mudando o perfil da CDHM” (ALMEIDA, 2020, p. 219). A comissão aprovou projetos polêmicos como o projeto de lei da “Cura Gay” que revertia uma determinação do Conselho Federal de Psicologia sobre tratamentos que visavam reverter a homossexualidade (COSTA, 2013).

Enquanto no âmbito social novas demandas dos grupos evangélicos e religiosos ascenderam com manifestações nas ruas, isso ainda antes dos eventos de junho de 2013, com o surgimento de *players* evangélicos (ALMEIDA, 2020) no debate público, como o ativismo do pastor da Igreja Assembleia de Deus Silas Malafaia. Nesse contexto, um conjunto de manifestações que atendiam diversas reivindicações na esfera social contribuíram para a ampliação de ação destes *players*, especialmente no espaço virtual, que emergiu como um campo de debate e promoção de ideias com ampla capilaridade. Essas manifestações desarticularam gradativamente as alas religiosas situacionistas, em parte pela conjuntura negativa que afetou o executivo federal com o surgimento de casos de corrupção associados ao governo.²⁸ Esse contexto contribuiu com o surgimento de uma oposição que ganhou apoio da bancada evangélica, como visto nas contribuições políticas de grupos neopentecostais ao candidato Aécio Neves nas Eleições de 2014²⁹.

A ausência de um candidato aglutinador das pautas evangélicas ainda não havia ganhado força naquele momento. A candidata Marina Silva, evangélica da Assembleia de Deus, não defendia publicamente as pautas destes grupos e não teve força para superar a clivagem PT x PSDB em 2014. No entanto, a força da FPE em compor uma ala evangélica ativa em suas demandas ganhou coro e musculatura no surgimento dos casos de corrupção que envolviam o governo federal, e a chegada da

²⁷ Ver. 58% da propina foi para os evangélicos, diz CPI dos Sanguessugas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u81306.shtml>. Acesso em 29 ago. 2023.

²⁸ Ver. Os avanços e crises do primeiro mandato de Dilma Rousseff. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/12/30/os-avancos-e-as-criSES-do-primeiro-mandato-d-e-dilma-rousseff>. Acesso em 30 ago. 2023.

²⁹ Ver. Evangélicos aderem à campanha de Aécio Neves. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/10/14/interna_politica.579480/evangelicos-aderem-a-campanha-de-aecio.shtml. Acesso em 28 ago. 2023.

operação Lava-Jato impulsionou as vozes de oposição na composição parlamentar, e social, que contribuiu para o *impeachment* da presidenta em 2016. Essa conjuntura colaborou com o aumento do ativismo religioso na política ao demonstrar, segundo esses parlamentares, que o lado progressista, especialmente o petismo entendido como representante do ‘comunismo’ no país, era corrupto. Isso foi uma justificativa para líderes e parlamentares evangélicos moralizarem seus discursos em favor de uma retórica da preservação dos costumes, pois o governo estava corrompido. Nesse meio, o surgimento das *fake news* como instrumento político foi importante para esses grupos evangélicos, pois forneceu elementos que justificavam que a defesa da família era a defesa do próprio Estado diante dos constantes casos de corrupção e apoio a ideias imorais:³⁰ um modelo semelhante ao visto no contexto norte-americano dos anos 1980. O seu *modus operandi* transcendeu sua esfera de influência, campo privado, para disseminar sua concepção de sociedade ao âmbito público.

Neopentecostalismo e a atuação por uma religião pública

Em 2014 o então deputado estadual Flávio Bolsonaro convidou o procurador do Estado de São Paulo, Miguel Nagib, para escrever um projeto de lei que se opusesse ao que uma parcela de parlamentares considerava “doutrinação” nas escolas. Nagib fundou em 2004 um movimento chamado “Escola Sem Partido”, que tem a finalidade de combater o ativismo ideológico nas escolas. “A pretexto de transmitir aos alunos uma ‘visão crítica’ da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores abusa da liberdade de cátedra e se aproveita do segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo” (NAGIB, 2023, n.p). As ideias de Nagib foram influenciadas pelo movimento *No Indoctrination*,³¹ fundado por Luann Whright em 2005 nos EUA, em que uma ex-professora de Ciências, “ao perceber um viés crítico nos textos de um certo professor de literatura de seu filho, que orientava a leitura de artigos qualificados por ela como ‘tendenciosos’ sobre o racismo dos brancos contra os negros” (SEVERO; GONÇALVES; ESTRADA, 2019, p. 11), compreendeu a defesa de uma falsa neutralidade e apartidarismo na condução pedagógica da escola e, com isso, questionou escolas e professores por uma atitude partidarista, mas, em contrapartida, difundia um ideário conservador em suas manifestações de defesa da “neutralidade”.

A comissão especial Escola Sem Partido foi criada e o projeto de Lei Nº 7.180/2014 lançado. O autor foi o deputado e pastor evangélico Erivelton Santana, que

³⁰ Ver. RUDNITZKI, Ethel; CORREIRA, Mariama. Grupos evangélicos e olavistas ajudaram a espalhar *fake News* de Bolsonaro sobre esquerda e pedofilia. Apública, 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/07/grupos-evangelicos-e-olavistas-ajudaram-a-espalhar-fake-news-de-bolsonar-o-sobre-esquerda-e-pedofilia/>. Acesso em 01 set. 2023.

³¹ Ver. PAULINO, Carla Viviane. O impulso neoliberal e neoconservador na educação brasileira: a imagem do “professor doutrinador” e o “projeto escola sem partido”. *Educere Et Educare*, v. 13, n. 28, p. 1-24. 25 set. 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/18731>. Acesso em: 20 jan. 2021.

na época era filiado ao PSC (Partido Social Cristão). O projeto tinha como finalidade “incluir entre os princípios do ensino o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa” (SANTANA, 2014, p. 1). O desdobramento do projeto gerou polêmica³² por ser uma censura a atividade de ensino, especialmente por interferir no modo de atuação do professor em se manifestar como educador e profissional da educação. Apesar de mudanças e debates, o projeto foi arquivado, mas ainda tem popularidade entre parlamentares, especialmente nas esferas estaduais³³.

A moralização da educação promovida pelo movimento *No Indoctrination* de Luann Wright, no início do século XXI, não era uma novidade no contexto político americano, pois era umas das demandas de parlamentares e líderes religiosos que mobilizaram a *New Right*, ainda nos anos 1970. “O currículo escolar tornou-se um campo de batalha para os fundamentalistas no início da década de 1970 e foi uma das questões que levou ao surgimento político da Nova Direita religiosa”³⁴ (ALLIT, 2004, p.184). Enquanto isso, outro fator que os aproximava também ganhou forma nesse momento: o anticomunismo. O processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff apresentou diversos discursos que apontaram para um Brasil tomado por uma guerra ideológica entre uma direita conservadora e pró-família contra uma esquerda comunista e imoral, em parte por causa do crescimento da diversidade na sociedade e políticas que atendiam às novas demandas. O anticomunismo ganhava espaço nos debates políticos aliado de uma significativa oposição contra a ascensão das minorias³⁵. O discurso contra o comunismo, que tinha como alvo o Partido dos Trabalhadores e agremiações progressistas, inicialmente não ganhou força, mas o alcance dos líderes evangélicos e sua capacidade de capilarizar modificou esse cenário.³⁶

³² Ver. ‘Escola sem Partido’: entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

³³ Ver. Projeto de Lei nº45/2023. Disponível em: <http://www3.alerj.rj.gov.br/lotus_notes/default.asp?id=161&url=L3NjcHJvMjMyNy5uc2YvMThjMWRkNjhmOTZiZTNINzgzMjU2NmVjMDAxOGQ4MzMvMzRkNzVjNTdjYWQxMDQ3YTAzMjU4OTQ5MDA2ODhhNmY/T3BlbkRvY3VtZW50>. Acesso em 31 ago. 2023.

³⁴ School curriculum had become a battleground for fundamentalists in the early 1970s and was one of the issues that prompted the political emergence of the New Religious Right.

³⁵ Ver. Evangélicos e as eleições de 2014. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/noticias/536286-evangelicos-e-as-eleicoes-2014-primeiro-balanco-pos-5-de-outubro>>. Acesso em 29 ago. 2023.

³⁶ Ver. Bancada evangélica apresenta agenda para próximo governo e crítica “revolução comunista”. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/bancada-evangelica-apresenta-agenda-para-proximo-governo-e-critica-revolucao-comunista/>>. Acesso em 31 ago. 2023.

A retórica comunista utilizada por parlamentares e líderes religiosos ganhou intensidade no segundo mandato da ex-presidente Dilma, em parte pelo entendimento de que o governo defendia pautas progressistas que eram contrárias aos dogmas desses religiosos, mas também pela própria representatividade evangélica no Congresso. A FPE ganhou dimensão política e social que agitou o cenário. O discurso desses parlamentares na esfera política e dos líderes religiosos em suas residências de pregação contribuíram como uma importante fração da oposição ao impeachment da ex-presidente.

O discurso político-midiático disseminado pelos pastores em questão e incorporado ao léxico tanto de seus fiéis, quanto de opositores do PT, apresentam visões de mundo extremadas em sua dualidade e retomam alguns termos típicos dos anos da Guerra Fria e que já produziram medo na população, como comunismo e ditadura. (ORTUNES; MARTINHO; CHICARINO, 2019, p. 125).

O conspiracionismo anticomunista utilizado por esses grupos ganhou dimensão nessa conjuntura, pois se em um primeiro momento, nos anos 1980, o grupo era minoritário e expressava preocupações com o comunismo pela possibilidade de desmoralização da fé cristã, no cenário recente a retórica comunista trabalhava pela extinção da sociedade cristã brasileira. Com isso, o discurso saiu da esfera privada para a esfera pública. A defesa de pautas morais era uma questão pública. Dessa forma, podemos entender que o movimento pentecostal, na esfera neopentecostal, em sua atuação política apresentou elementos que transcendem a sua própria dimensão de atuação no espaço privado, naquilo que o autor José Casanova (1994) chama de ‘desprivatização’ da religião moderna. Para ele, é o processo no qual “a religião abandona o seu lugar atribuído na esfera privada e entra na esfera pública indiferenciada da sociedade civil para participar do processo contínuo de contestação, legitimação discursiva do redesenho de fronteiras”³⁷ (1994, p.65-66). A visão de mundo desses grupos estava mobilizada por interesses que consideravam transcendentais as suas próprias fronteiras, sua contestação se aplicava ao debate público, e não a sua própria esfera de atuação.

Pode haver religiões ‘públicas’ na política a nível social, como em todos os casos em que a religião se torna politicamente mobilizada contra outros movimentos religiosos ou seculares, ou institucionalizada como um partido político que compete com outros partidos religiosos ou seculares.³⁸ (CASANOVA, 1994, p. 61).

Para o autor, a distinção entre atividades privadas e religiões públicas é desenhada em termos constitucionais, na separação entre Igreja e Estado. Essa tendência limita a esfera pública apenas ao Estado, colocando os demais polos na

³⁷ [...] religion abandons its assigned place in the private sphere and enters the undifferentiated public sphere of civil Society to take part in the ongoing process of constestation, discursive legitimation, and redrawing of the boundaries.

³⁸ There may be “public” religions at the political Society level, as in all instances When religion becomes politicallly mobilized Against other religious or secular movements, or institucionalized as political party competing with other religou or secular parties.

esfera privada. No entanto, a transgressão desta fronteira na politização da religião, como aponta Casanova (1994), põe em perigo a liberdade de consciência individual e pode trazer concepções estranhas de justiça na construção ‘neutra’ de deliberações de interesse público. Assim, “o religioso refere-se às ações empreendidas pela instituição eclesiástica ainda que não mais organizada como igreja.” (MONTERO, 2018, p. 31).

Portanto, na pequena fração da história e da organização da direita religiosa brasileira, aqui contada, podemos apontar duas conclusões que se destacam em sua dinâmica de atuação. A primeira é a semelhança na ação e nas ideias encontradas no contexto político religioso brasileiro com as ideias vistas na formação da *New Right*, no final dos anos 1970, principalmente o ativismo político dos últimos anos. A segunda é a mudança de postura na atuação dos atores religiosos no contexto político. Em um primeiro momento, ao adentrar no campo político por demandas que corresponderiam a concessões no âmbito privado, apresentaram uma retórica de ação que restringe a ampliação de influência em suas fronteiras. Contudo, em um segundo momento essa atuação transcendeu sua esfera designada no ordenamento liberal e redesenhou seu campo de atuação diretamente na esfera pública, como detentora de uma razão universal. Sua presença na esfera política não é recente, e a mudança de postura apresentou a ideia de continuidade ao buscar ampliar seu campo de influência na esfera pública pela mesma configuração de ideias que apresentou em seu surgimento, com a diferença de enfatizar pontos que antes não deu tanta ênfase devido às demandas conjunturais.

Considerações finais

O posicionamento político de religiosos não é exclusivo de evangélicos neopentecostais, pois corresponde a diferentes grupos com interesses diversos. O grupo de evangélicos progressistas (MOURA, 2021) é um exemplo de contraponto aos evangélicos da FPE, pois se opõem ao modelo conservador e radical da bancada. Além disso, podemos citar a Igreja Católica Progressista (LEVY, 2009), que toma seu espaço de atuação política em vias de contribuir com os problemas relacionados à justiça social, e se inspira no conjunto de ideias em torno da Teologia da Libertação. Com isso, podemos compreender que o ativismo religioso na política tem uma atuação diversificada. No entanto, os religiosos que compõem a vanguarda política no Congresso, em grande parte evangélicos e simpatizantes de suas pautas, ganharam visibilidade pela composição política e social que representam, mas também pela estrutura que organizaram com o tempo.

Deste modo, este texto teve como objetivo apresentar, brevemente, argumentos sobre uma pequena fração religiosa que cresceu e se estabeleceu no debate público atual como uma ala da direita política brasileira. Além disso, os exemplos sobre o desenvolvimento da *New-Right* americana são um bom caminho para pensar a política e o ativismo religioso no Brasil, principalmente pelos trabalhos que interpretaram esse movimento por lá (JORSTARD, 1970; ALLIT, 2004; COOPER, 2017; YOUNG, 2016) e podem contribuir para entendermos este movimento por aqui.

Referências

ALLITT, Patrick. *Religion in America: A History*. New York: Columbia University Press, 2003.

ALMEIDA JR, J. Um panorama do fenômeno religioso brasileiro: neopentecostalismo ou pentecostalismo. *Ciências da Religião (Mackenzie. Online)*, v. 6, p. 146-177, 2008.

ALMEIDA, Ronaldo. Players evangélicos na crise brasileira (2013-2018). In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (Orgs). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 217-236.

BANWART, Doug. Jerry Falwell, the Rise of the Moral Majority, and the 1980 Election. *Western Illinois Historical Review*, vol. 5, 2013. Disponível em: <http://www.wiu.edu/cas/history/wihr/pdfs/Banwart-MoralMajorityVol5.pdf>. Acesso em 3 fev. 2023.

BELLOTTI, Karina Kosicki. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970). *Mandrágora*, n. 14, p. 55-72, 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/696>. Acesso em 06 jan. 2023.

CALDEIRA NETO, Odilon. Frente Nacionalista, Neofascismo e “Novas Direitas” no Brasil. *Faces de Clio*, v. 2, n. 4, jul/dez. 2016, p. 20-36.

CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: GUADALUPE, José Luis Pérez (Org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 171-192.

CASANOVA, José. *Public Religions in the Modern World*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. *Journal of Democracy em Português*, São Paulo, v. 11, n. 2, nov. 2022. Disponível em: <https://www.plataformademocratica.org/Arquivos/nov-22/O_movimento_bolsonarista_e_a_americanizacao_da_politica_brasileira_causas_e_consequencias_da_extrema_direita_no_poder.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CENSO 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Agência IBGE, 2012. Disponível em: <

CHALOUB, Jorge; LIMA, Pedro; PERLATTO, Fernando. Direitas no Brasil contemporâneo. *Teoria e Cultura*, v. 13 n. 2, dez. 2018.

CORREIRA, Mariama. Novo Brasil evangélico será desafio para o governo Lula. *Apública*, 2022. Disponível em: <

COSTA, Fabiano. Comissão de Direitos Humanos aprova autorização para ‘cura gay’. *G1*, 2013. Disponível em: <

COWAN, Benjamin A. *Moral majorities across the Americas: Brazil, the United States, and the creation of the religious right*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2021.

CRITCHLOW, Donald T. *Phyllis Schlafly and grassroots conservatism: a wo-man’s crusade*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

FALWELL, Jerry. [Letter from Jerry Falwell on Keeping Old Time Gospel Hour on air], letter. *The Portal to Texas History*, August 13, 1981. Disponível em: <https://texashistory.unt.edu/ark:/67531/metadc177440/citation/#top>. Acesso em 02 fev. 2023.

FRESTON, Paul. *Evangelicals and Politics in Africa, Asia and Latin America*. New York: Cambridge University Press, 2004.

GALINDO, Florencio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HOFSTADTER, Richard. *The Paranoid Style in American Politics and Other Essays*. Harvard University Press: Massachusetts, 1964.

JORDSTAD, Erling. *The Politics of Doomsday: Fundamentalists of the Far Right*. Nashville: Abingdon Press, 1970.

KRUSE, Kevin M. *How Corporate America Invented Christian America*. Basic Books: New York, 2015.

LEVY, Charmain. Influência e Contribuição: A Igreja Católica Progressista Brasileira e o Fórum social mundial. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 29, p. 177-197, 2009. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rs/a/kdrZ9pNXsFkzN664ntYbBfb/>>. Acesso em 02 set. 2023.

LIND, Michael. Why Intellectual Conservatism Died. *Dissent*, p. 42-47, Winter, 1995. Disponível em: < <http://www.dissentmagazine.org/pdfs/lind.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2023.

MEZAROBBA, Glenda. Benjamin A. Cowan: O Brasil e a nova direita. Entrevista. *Revista Pesquisa Fapesp*, ed. 305, jul. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/benjamin-a-cowan-o-brasil-e-a-nova-direita/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In. SOLANO, Esther (Org.). *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MONTERO, P. . Religião Cívica, Religião Civil, Religião Pública: continuidade e descontinuidades. *Debates do NER (UFRGS)* , v. 19, p. 15-33, 2018.

MOORE, R. Laurence. *Selling God: American Religion in the Marketplace of Culture*. Oxford University Press: New York, 1994.

MOURA, Sebastião. Grupos evangélicos progressistas questionam legitimidade de lideranças conservadoras. *Jornal da USP*, 2021. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/ciencias/grupos-evangelicos-progressistas-questionam-legitimidade-de-liderancas-conservadoras/>>. Acesso em 02 set. 2023.

NAGIB, Miguel. *Escola Sem Partido*, 2023. Quem somos. Disponível em: < <http://escolasempartido.org/quem-somos/>>. Acesso em 31 de ago. 2023.

NASH, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America: since 1945*. 30 ed. Wilmington: Isi Books, 2006.

ORTUNES, Leandro; MARTINHO, Silvana Gobbi ; CHICARINO, Thatiana Senne . A instrumentalização do discurso do medo: pastores midiáticos e o período pré-eleitoral de 2014. *Intercom*. São Paulo, v. 42, p. 121-146, 2019.

OS PASTORES PROGRESSISTAS E A OUTRA VOZ DE DEUS. *Outras Mídias*, 2022. Disponível em: <
<https://outraspalavras.net/outrasmidias/as-igrejas-que-questionam-o-pecado-do-racismo/>>. Acesso em 02 set. 2023.

ROCHA, Antonia Rozimar Machado e; SILVA, F. S. S. E.; BARRETO, A. A.. A FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA NO CONGRESSO NACIONAL: Representatividade Política dos Evangélicos? *Inter-Legere*, v. 4, n. 32, p. 1-27, 2021. Disponível em: <
<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/25787>>. Acesso em: 15 set. 2023.

ROCHA, Camila. “*Menos marx, mais Mises*”: Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018, 232 f., Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RODRIGUES, T. M. A Sociologia e seus dilemas digitais: as relações sociais entre a Televisão e a Internet. *Pensata*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 21-38, jul. 2022. Disponível em: <
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/13913>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ROXO, Sergio. Lula e a ‘carta aos evangélicos’. *O Globo*, 2021. Disponível em: <
<https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/lula-a-carta-aos-evangelicos-24931854>>. Acesso em 31 ago. 2023.

SANTANA, Erivelton. PL 7180/14 – *Comissão Especial Escola Sem Partido*. Projeto de Lei nº7.180 de 2014. Disponível em: <
https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1661955>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SEVERO, Ricardo; GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira; ESTRADA, Rodrigo duque. A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem partido no Facebook e Instagram: conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-28, 2019.

SINGER, André (Org.). *Sem Medo de Ser Feliz: Cenas de Campanha*. São Paulo: Scritta, 1990, p. 94-113.

TORREY, R. A; DIXON, A. C (Ed). *The Fundamentals: A testimony to the Truth*. Michigan: Baker Book House, 1917. Vol. 1.

TREVISAN, J. . A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 16, p. 29-57, 2013.

VILLASENOR, Rafael Lopez. A estratégia política da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo sobre as eleições presidenciais 1989, 1994 e 2002. *Ponto-e-Vírgula*, v. 8, 2010, p. 155-164. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13949>>. Acesso em 15 abr. 2023.

VILLAZÓN, Julio Córdova. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político. In. VELASCO E CRUZ; KAYSEL; CODAS (Orgs). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 163-175.